

Meeting 2020

De onde nasce a esperança?

O texto integral do diálogo de Bernhard Scholz, presidente do Meeting de Rimini, com o padre Julián Carrón, guia de CL, durante a *special edition* (20 de agosto de 2020)

Bernhard Scholz. Bem-vindos a este encontro com o padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Obrigado, padre Carrón, por estar connosco esta noite.

De onde nasce a esperança? Para esta pergunta convergem muitas perguntas que surgiram neste período dramático da nossa história: «O que posso esperar? Qual é a diferença entre esperança e otimismo? De onde nasce a capacidade de esperar?» São perguntas que abordaremos no diálogo desta noite. Começamos com uma que se refere à tua publicação, lançada no meio do confinamento: *O despertar do humano* (J. Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*. Disponível em clonline.org, 2020). Como é possível falar de «despertar» num momento cheio de limitações, cheio de restrições que nos obrigaram a estar em casa, a não ir ao trabalho, a não ir à escola?

Julián Carrón. Eu julgo que este momento em que estamos a participar é um exemplo do despertar do humano. No meio de uma situação como esta, quem teria sonhado poder fazer um Meeting com estas dimensões, com cento e vinte praças à volta do mundo, com uma criatividade dificilmente imaginável? É só um exemplo, mas prova que, quando estamos diante de uma crise com uma abertura à provocação que ela representa, podemos ver concretizar-se o despertar de uma criatividade e de uma capacidade de envolvimento que surpreenderam muita gente. É um despertar não *apesar* das dificuldades – como às vezes pensamos –, mas precisamente *porque* existem as dificuldades, que nos obrigam a encontrar outros caminhos, outras possibilidades, a expressar recursos escondidos, que de outra forma não viriam ao de cima. Muitas das novidades que vimos neste Meeting – que estamos a ver e que vamos ver – nasceram precisamente graças à provocação dos últimos meses, sem a qual teriam talvez sido necessários anos para as conceber e desenvolver. Comecei pelo Meeting porque um exemplo é a forma mais concreta de responder à tua pergunta. Apesar de tudo, o despertar está a acontecer aqui à nossa frente.

Scholz. Para falar da esperança, partimos de uma observação do nosso dia a dia. Não se passa um dia, não se passa uma hora em que não digamos: «Espero que aconteça esta coisa», «espero que esta outra corra bem», «espero que não aconteça aquela». A nossa vida é permeada, plasmada, em todo o seu agir e empreender, por um olhar sobre o futuro: esperamos que aconteça um bem ou que não aconteça um mal. Pergunto: a esperança é, de alguma maneira, uma constante da nossa existência?

Carrón. Claro. Pavese escreveu isso numa forma para nós indelével: «Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? E, então, porque esperamos?» (C. Pavese, *O ofício de viver*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004, p. 276). A genialidade de Pavese – sempre me impressionou – foi a de perceber como pertencente à estrutura humana, sua e portanto nossa, de cada um, a espera e a esperança. Estas fazem parte da nossa natureza de seres humanos. Esperamos, aguardamos, porque aguardar, esperar, é constitutivo do nosso sermos homens. A questão surge, porém, quando a realidade se torna implacável e desafia esta nossa esperança “natural”, por assim dizer. Quando a circunstância se torna dura, contraditória, é posta à prova a consistência da nossa esperança. «Mas se um acorde dissonante», dizia Leopardi, «fere o ouvido / em nada aquele paraíso se transforma num instante» (G. Leopardi, “Sopra il ritratto di una bella donna”, vv. 47-49. In: *Cara beltà*. Milão: Bur, 2010, pp. 96-97).

Scholz. Qual é, nesse sentido, a diferença entre esperança e otimismo?

Carrón. O otimismo é uma disposição psicológica para ver o lado positivo da realidade, para dizer que tudo corre bem, mesmo na condição de ter de fechar os olhos. É algo de temperamental e ao mesmo tempo passageiro: muda o tempo, chega um temporal e tudo acaba. Voltaire, troçando desse otimismo, à pergunta: «O que é otimismo?», no *Candide* responde: «Ai de nós [...] é a fúria de sustentar que tudo está bem quando se está mal» (F. Voltaire, capítulo XIX. In: *Cândido, ou O otimismo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 83). «O otimismo», diz Bernanos, «é um sucedâneo da esperança» (G. Bernanos, *Pensieri, Parole, Profezie*, organizado por M.A. La Barbera. Milão, Paoline, 1996, p. 68). Porquê? A razão é simples: falta-lhe a consistência para poder resistir aos acontecimentos, não tem a possibilidade de resistir diante das contradições. Assim, quando a dificuldade supera as nossas forças e o alcance das nossas tentativas, esse sucedâneo vai pelos ares.

É o que todos nós vimos quando fomos encostados às cordas pelo Covid: tendo de enfrentar o perigo ou, na melhor das hipóteses, ficar em casa, obrigados a inventar novas formas de viver as situações quotidianas, ficou claro se a nossa esperança era só um otimismo que passava sem deixar rasto, ou se tinha a capacidade de fazer-nos enfrentar com dignidade a dureza das circunstâncias.

Scholz. Outra experiência que fazemos muitas vezes é que, quando nos encontramos numa situação de dificuldade que não conseguimos resolver, entramos numa espécie de *stand by*, esperando que passe com o tempo. Nesse ínterim, porém, não vivemos, ficamos determinados pela expectativa de que essa dificuldade – uma doença, um problema ou outra coisa – passe o mais depressa possível. Mas é possível vivermos com esperança, estando presentes diante de nós mesmos, também em momentos como estes?

Carrón. Tudo depende do ponto de apoio que temos para viver. De facto, a esperança precisa de fundamentar-se numa razão. Quando somos desafiados a ir além do nosso dia a dia, do que já conhecemos, das nossas medidas, das nossas forças, das nossas tentativas, vê-se se temos ou não um ponto de apoio adequado para enfrentar com positividade o que nos acontece. Se isto faltar, podemos apenas esperar que a tormenta passe, não conseguimos enfrentar as provocações que a realidade nos apresenta, viramos a cara. E isso não só não resolve, como agrava as dificuldades. Imaginemos uma pessoa que, durante o tempo em que teve de ficar em casa, tenha vivido com o ânimo de quem só espera que tudo passe! Deve ter sido um belo esforço acordar de manhã e esperar que mais um dia, e mais outro dia, passasse! Desta forma, não só a situação se torna ainda mais insuportável, como se perde a ocasião de aprender a novidade que cada circunstância, qualquer que ela seja, traz consigo. Para a aproveitarmos, só é preciso uma abertura diante do que acontece: de facto, pode acontecer algo ou nascer uma iniciativa, um movimento, que não tínhamos previsto; podemos surpreender-nos em ação de uma maneira que não pensávamos ser possível. Quantas vezes nestes meses, permanecendo abertos, não descobrimos coisas insuspeitas ou conhecemos algo de nós e dos outros que nem pensávamos existir! Sempre me espantou, neste sentido, o verso de Montale: «Um imprevisto / é a única esperança» (E. Montale, “Antes da viagem”, vv. 26-27. In: *Revista Colóquio/Letras*. Tradução de poesia, n. 165, set. 2003, p.150).

Scholz. Falaste de «ponto de apoio». Qual pode ser o ponto de apoio que nos permite esperar mesmo quando a realidade não corresponde ao que esperávamos? Como não nos deixarmos enganar por falsas esperanças, identificando, pelo contrário, uma esperança que nos faça sermos realmente nós mesmos, mesmo em situações que não desejaríamos?

Carrón. Cada um de nós tem de olhar para o que nos faz ser realmente nós mesmos. E não podemos entender isto de forma abstrata, mas apenas medindo-nos com as provocações da vida. É nesse momento,

diante de um aperto, que cada um de nós faz o teste do caminho feito. Por isso é essencial o impacto com a realidade. Como dizia *don* Giussani, um indivíduo a quem tenha sido poupada a dificuldade na vida experimentará menos a vibração da sua razão, da sua criatividade, da sua capacidade de entender [«Alguém que tivesse vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, tivesse tido muito poucas obrigações, teria um débil sentido da consciência pessoal, pouco perceberia da energia e vibração da sua razão»; L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p. 141]. Quem, pelo contrário, já tenha sido solicitado de muitas maneiras, será mais capaz de se perceber a si mesmo e ao que o ajuda a viver.

Descobrir o «ponto de apoio» é um caminho humano, humaníssimo. E implica uma consciência, uma compreensão do que nos acontece. Quem, por exemplo, fez um caminho no meio das dificuldades destes meses, quando voltou ao trabalho, às relações habituais com os outros, terá surpreendido na sua forma de estar no real uma novidade, experimentando um espanto pela existência da realidade e pela relação com os outros que antes não tinha, uma forma diferente de viver o trabalho. Quem não o fez, quem não cuidou do que lhe aconteceu, pouco depois voltou ao velho rame-rame. Dizia-me um médico, que tinha ficado admiradíssimo ao ver tantos colegas envolvidos sem reservas no hospital nos momentos mais dramáticos: «Fiquei atónito, porque, poucas semanas depois do fim da crise, já quase não nos cumprimentávamos». Como é possível que uma experiência tão intensa não deixe marcas? Depende do caminho que a pessoa fez, da consciência amadurecida do que lhe aconteceu. Se não cuidou do que viveu, passada a crise, volta à estaca zero, sem ter aprendido nada, sem ter descoberto nada que sirva para enfrentar o futuro. É como se a vida passasse sem nos fazer crescer como pessoas, sem aumentar a nossa consistência, incrementar a nossa autoconsciência. Por isso parece-me perfeita a frase de Eliot: «Onde está a vida que perdemos vivendo?» (Cf. T. S. Eliot, *Coros de “A Rocha”*, Coimbra, Tenacitas, 2014, p.59). Podemos perder a vida vivendo ou então ganhá-la. Não a ganhamos porque nos poupamos à relação com a realidade, e não a perdemos porque a realidade nos põe à prova. Ganhamos quando aceitamos a provocação das circunstâncias, quaisquer que sejam, e somos protagonistas em qualquer situação.

Scholz. O que nos permite ser protagonistas *nesta* situação?

Carrón. Aqui surge a grande questão, que cada um de nós – repito – deve identificar por conta própria. Dava muitas vezes este exemplo aos meus alunos, para lhes mostrar-lhes de onde nasce a esperança. Imaginem que têm uma pessoa querida, mesmo muito querida, que sofre de uma doença para a qual ainda não se encontrou uma cura. Se um dia, olhando por acaso para a televisão ou lendo o jornal, vierem a saber que em algum sítio do mundo uma pessoa com a mesma doença se curou, mesmo que a pessoa que vocês amam ainda esteja doente e não tenha ainda recebido o tratamento, vocês passam a encarar o futuro de forma diferente, olham para ela de forma diferente. A esperança começa a manifestar-se quando acontece alguma coisa no presente que torna possível um olhar diferente em relação ao futuro. Mas isto, para lá do exemplo que as perguntas dos meus alunos me suscitavam, é o que vemos acontecer constantemente. N’ *O brilho dos olhos* (J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que é que nos arranca do nada?* Lisboa, julho 2020), eu citei a carta de uma pessoa que aos cinquenta anos já não esperava nada de novo da vida: certo dia, no ambiente escolar dos seus filhos, conheceu um pai como ele a quem, porém, brilhavam os olhos, em quem a vida vibrava com uma intensidade que já não via em si; começou a encontrá-lo, a segui-lo, observando como vivia, até que aquele olhar também se tornou seu.

A esperança nasce quando vemos acontecer no presente algo que escancara o olhar. Pensávamos que a partida estava encerrada, que já não havia nada a esperar, mas em vez disso, tudo recomeça. É exatamente aí, não noutra lugar, não depois, não antes, não na nossa imaginação, mas aí, na situação que vivemos, que acontece alguma coisa que faz renascer a esperança, que abre o futuro da vida a algo diferente. Por isso *don* Giussani dizia, com uma frase sintética: «A esperança é uma certeza no futuro em virtude de uma realidade presente» (L. Giussani, *Cartaz da Páscoa de 1996 de Comunhão e Libertação*). Pode ser que nada mude imediatamente, mas o importante é ver pessoas que enfrentam uma situação semelhante à nossa com uma

novidade: «Se se tornar meu aquilo que eles vivem, eu também vou conseguir olhar e enfrentar as adversidade e as dificuldades da vida com uma esperança nos olhos».

Scholz. Mas a presença de que tu falas é uma presença qualquer ou uma presença específica?

Carrón. Não é uma presença qualquer. Porque nem todas as presenças são capazes de fundamentar a esperança, de nos fazer estar de cabeça erguida diante de todos os desafios da realidade. Quando a provação é mais forte – pensemos na doença ou na última morada, a morte, ou no quotidiano «que parte as pernas» (C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, Einaudi, Turim 1947, p. 166), que às vezes é o aspecto mais pesado da vida –, a questão é que tipo de evento nos terá acontecido, que presença deve ter entrado na nossa vida, para podermos enfrentar essa provação com esperança. Cada um deve perguntar-se: «Será que eu encontrei uma presença assim?» Os discípulos tinham embatido numa presença – Jesus de Nazaré – graças à qual, quando estavam na sua vida normal ou no meio da tormenta, não esperavam simplesmente que passasse, trocando bons conselhos entre si, mas conseguiam enfrentar tudo, até a tormenta, de maneira diferente, mais verdadeira, mais humana. Viram a postura de Jesus diante da doença, da morte, das dificuldades, das contradições. Viram-n’O acabar mal e depuseram-n’O no sepulcro. Mas depois viram-n’O vivo, ressuscitado. Quem tinha aquela Presença no olhar não podia deixar de dizer – como São Paulo: «Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus» (Rm 8,38-39).

Eu dizia a meus alunos – com quem aprendi imenso, porque eram um estímulo constante a dar-me razão das coisas: «Mas tu achas que a tua mãe te quer bem?» «Claro.» «Tens a certeza disso?» «Certeza absoluta.» «Então, se tens assim tanta certeza, podes pensar que haja algum momento, por alguma coisa que acontece na vida, em que a tua mãe pudesse deixar de te amar?» «Não, absolutamente não!», diziam-me. Porquê? Onde se fundava aquela certeza sobre o futuro? Num presente, numa experiência presente. Graças à experiência de convivência que tinham tido com ela, não podiam sequer imaginar que pudesse diminuir o amor dela por eles. A simplicidade da experiência desta relação, que é a de toda a gente, é idêntica à que viveram os discípulos com aquela presença excepcional. Com uma diferença: a mãe não pode livrar-me da morte ou da doença, pode apenas acompanhar-me, enquanto os discípulos embateram numa Presença que introduziu na história uma esperança que, diz São Paulo, não desilude. Esta é, de facto, a fórmula de São Paulo: «A esperança não desilude» (Rm 5,5), em qualquer situação em que a pessoa venha a estar.

Isto diz, então, que o problema da nossa esperança é a nossa fé. Em relação à presença de Cristo que encontramos, será que temos a mesma certeza que uma criança tem na presença da sua mãe? Será que temos uma certeza da Sua presença tão humana, tão verdadeira, tão enraizada nas entranhas do nosso eu, que na Sua companhia podemos olhar com esperança para qualquer coisa que nos aconteça? Ou seja, será que temos a certeza de que, haja o que houver, ninguém poderá separar-nos desta Presença?

Se não houver uma Presença que me ame tanto que, independentemente do que eu faça, independentemente do que aconteça, eu consiga olhar para o futuro com positividade indestrutível, graças à certeza daquela Presença, graças à experiência vivida na relação com ela, a esperança acaba por ficar reduzida a uma palavra vazia. Podemos revirá-la como quisermos, mas se não houver uma Presença histórica, de um Homem que ressuscitou da morte e, por isso, está realmente presente e contemporâneo à nossa vida, a esperança terá sempre uma data de validade.

Cristo, Deus feito homem, morto e ressuscitado, presente aqui e agora numa realidade humana, é a origem da nossa esperança. E Cristo encontramos-I’O hoje. Como aconteceu com nosso amigo Mikel Azurmendi – testemunhou-nos isso no vídeo que vimos há dois dias: ele identificou-O em pessoas de carne e osso, em primeiro lugar ouvindo um jornalista na rádio, enquanto estava em estado grave no hospital, e reparou numa diferença na sua maneira de falar dos acontecimentos, e depois encontrando outra pessoa que olhou para ele de maneira incomparavelmente humana, e depois outra e outra ainda, e constatou que todas essas pessoas tinham uma forma de estar no real tão humana que o atraía, o enchia de admiração, o desafiava

profundamente (Cf. M. Azurmendi, *L'Abbraccio. Verso una cultura dell'incontro*. Milão: Bur, 2020). A dado momento, deu-se conta de que todas eram geradas pelo mesmo encontro, reconheciam a mesma Presença. Assim descobriu que Cristo – a Presença de que nós, cristãos, falamos – é real, ressuscitou, isto é, continua a estar presente na história através da diversidade humana em que ele embateu. Cristo moveu alguém como ele, que havia cinquenta ou sessenta anos tinha perdido a relação com a fé, permitindo-lhe redescobrir a vida em toda a sua intensidade. Vendo estas coisas, não podemos deixar de ficar tocados pelo facto de continuar a acontecer no presente a mesma história que começou há dois mil anos.

Scholz. Então a capacidade de estar dentro e diante de qualquer situação é a prova de que se tem uma esperança que não desilude. Vivendo o confronto com as circunstâncias, mesmo as difíceis, esta esperança reforça-se, confirma-se?

Carrón. Claro! Porque quanto mais alguém se vê diante de dificuldades, mais põe à prova – ou seja, verifica – a consistência dessa esperança. Podia-se dizer: «São questões abstratas». Não. E por que não? Porque – primeira questão – aquilo em que embateram Mikel Azurmendi e o amigo, que aos cinquenta anos achava que não podia esperar senão que a vida passasse, foram pessoas de carne e osso, que se encontram no mundo, na vida, e que contestam o nosso ceticismo, a nossa medida, a nossa resignação. Só uma coisa real, presente é que pode devolver a esperança, não uma ideia ou uma abstração. Nada disso adianta. Vimos isso em relação ao medo do Coronavírus, bem como noutras situações. Para fazer a esperança renascer é preciso uma realidade carnal, histórica, com cuja existência nos admiramos. Trata-se de presenças em que vemos encarnado um sentido adequado para a vida, uma promessa. Como dizia Bento XVI, os conceitos mais importantes da vida tornaram-se carne e sangue [«A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo»; Bento XVI, *Deus caritas est*, 12]. Ou seja, precisamos não de valores abstratos, mas de pessoas que vivem, elas próprias em primeiro lugar, uma esperança, de um modo que nos fascina e nos desafia.

Portanto, não é nenhuma abstração, mas algo de real, que – segunda questão – produz na história um sujeito novo. Pessoas como as descritas por Azurmendi ou pelo amigo de cinquenta anos, se realmente as seguimos, se nos pusermos com simplicidade a segui-las, como os discípulos se puseram a seguir Jesus, são instrumentos de geração de um tipo de sujeito capaz de resistir aos impactos da realidade; não porque sejam heróis – como tantas vezes pensamos, reduzindo o cristianismo a um moralismo –, mas porque foram e são, por sua vez, geradas pelo mesmo acontecimento, pela mesma Presença, por meio de outros encontros, outras pessoas. A relação com Cristo vivo, presente aqui e agora, gera um sujeito novo na história, que caminha com esperança: quem O encontra e por Ele se deixa agarrar vive, diz São Paulo, como um homem «ereto», presente para si mesmo, que não se retira do real. Enfrentar o real, como quer que ele se mostre, representa antes, para ele, uma possibilidade de verificação da consistência dessa esperança.

Para mim, o momento do confinamento foi uma ocasião maravilhosa para me perguntar: «Aquilo que eu vivo, aquilo em que acredito, aquilo a que confiei minha esperança tem consistência para me fazer enfrentar esta circunstância?» Toda agente devia fazer-se esta pergunta, senão será difícil resistir diante de qualquer situação que ultrapasse a nossa medida. É aqui que se revela decisiva o contributo que nós, cristãos, podemos dar à sociedade de hoje. Muitos se espantam por termos feito o Meeting este ano. É o primeiro gesto público depois do confinamento, e muitos achavam que não ia ser possível. Como é que pôde fazer? Porque há pessoas que não se rendem diante das dificuldades, não recolhem as redes ao barco com medo, percebendo a provocação que vem da realidade. O Meeting existe graças à esperança que nos caracteriza: não por mérito nosso, que fique claro, mas pela graça que nos aconteceu e que desejamos comunicar a todos.

Scholz. Queria aprofundar por um instante o facto de a esperança se verificar sempre num contexto histórico. Nas discussões públicas fala-se muitas vezes, até por comparação com a situação de hoje, do Pós-Guerra. Se formos ver o que aconteceu naquele momento, vemos que toda a energia que uma pessoa gastava a trabalhar,

ou intelectualmente, melhorava a situação. Havia um crescimento contínuo, sustentado também pelo progresso tecnológico. A esperança coincidia quase com algo de automático, pelo menos no que diz respeito às circunstâncias materiais da vida. Depois, em 2008-2011, ocorreu pela primeira vez um *break*. Já não havia um crescimento contínuo, mas tínhamos de lidar com o facto de que a nossa situação podia piorar, de que o padrão de vida conquistado não estava garantido, de que talvez nossos filhos pudessem ter um futuro não necessariamente melhor que o nosso, e talvez até pior. E aí mudou – digamos – a forma de encarar até a espera de que falamos no início. Portanto, ou a esperança se tornava mais consistente ou acabava no conformismo. Aliás, no outro dia eu li um artigo que, olhando para a última década, fala de uma «epidemia de desespero» (*Ilsole24ore.com*, 16 de agosto de 2020), de um aumento da depressão não por motivos patológicos, mas precisamente como sinal de uma mentalidade que eu chamaria de resignada. Por isso, pergunto-te: como é que o contexto histórico em que vivemos incide na nossa esperança, no modo de conceber a esperança, especialmente neste momento de pandemia? De facto, não vivemos isolados, mas num contexto sociocultural que incide também na maneira com que nos concebemos a nós mesmos dentro do mundo.

Carrón. Eu julgo que estes factos – a crise económica e agora a pandemia – colocaram à prova a nossa concepção da esperança e, sobretudo, a experiência da confiança. Deu-se um *break* – como tu disseste – em relação à confiança que nutríamos num progresso contínuo, quase mecânico, no âmbito económico, sanitário, etc. Vimos que não é verdade. Espanta-me sempre uma frase de Bento XVI, segundo o qual nós achamos que todo progresso é cumulativo. Ao passo que isto só é válido para certas realidades, digamos mecânico-científicas, mas em tudo o que tem que ver com a vida humana é sempre necessário um novo início [«Um progresso por adição só é possível no campo material. [...] Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros – neste caso, de facto, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração, seja um novo início»]; Bento XVI, *Spe salvi*, 24]. Nós vimos isso: assim que a confiança periga, as famílias começam a economizar, deixa-se de investir, tem-se medo do futuro, pensa-se só em como enfrentar a situação mais imediata. Então, quando isso começa a acontecer, como saímos disso? Aquilo que tu dizes do desespero é um risco sempre à espreita, pois uma vez comprometida a confiança, não é que no dia seguinte se possa virar a página, como se nada fosse. Reconquistar a confiança, quando se introduziram a suspeita e a desconfiança, e repará-la não é imediato. Por isso realmente é posto à prova o tipo de esperança que temos, ou seja, se temos um ponto de apoio para a nossa vida que não nos deixe à mercê de uma ou de outra crise. Só podemos renascer das cinzas, qualquer que seja a situação em que nos encontramos, se tivermos a consistência em algo mais forte do que todas as crises. Caso contrário, é difícil um verdadeiro recomeço. O que estamos a viver aqui juntos, nestes dias, é um exemplo – visível – de como é possível recomeçar. Mas na Itália e no mundo poderão aparecer muitas outras novas iniciativas, testemunhos de criatividade, que nos resgatam da situação em que nos encontramos. Conservemos, portanto, os olhos abertos.

O problema é só a nossa consistência. Os nossos avós foram mais provados do que nós, por guerras e situações económicas dramáticas, mas tinham uma consistência que muitas vezes nem sonhamos. Não o digo para olhar para o passado, mas para sublinhar o alcance que essa questão tem em relação aos filhos. Só se tivermos uma esperança para comunicar é que podemos não injetar o medo no sangue deles. Muitas vezes injetamos neles todas as nossas preocupações, em vez de os acompanharmos para se darem conta dos seus recursos, das suas possibilidades. Aqui se joga a partida do futuro, como disse o Mario Draghi ao inaugurar o Meeting. Se os jovens encontrarem pessoas que os acompanhem a enfrentar a realidade com uma hipótese de significado, em vez de inocularem neles o medo, poderão crescer e construir, atravessar as situações que se apresentarem. Mas serão necessárias presenças significativas de adultos, que testemunhem que é sempre possível não só não recuarem ante o real, mas construírem, mesmo em situações imprevisíveis e cheias de

obstáculos.

Scholz. Vamos aprofundar este aspecto, que julgo ser decisivo neste momento. Diante de um futuro muitas vezes incerto, como é que devemos olhar para os filhos?

Carrón. Penso que há duas maneiras de os pais poderem entrar em relação com os filhos, ou os educadores com os jovens. De um lado, há quem tente poupá-los à relação com o real, pensando que assim os estão a defender dos imprevistos, das dificuldades, de todas as coisas vistas como ameaça. É como se o mundo fosse interpretado como uma grande ameaça de que o adulto deve proteger os filhos. Deste modo, mesmo inconscientemente, ele comunica uma desconfiança. Por outro lado, há pessoas – famílias, educadores – que, em vez de inocularem o medo no sangue dos jovens e poupá-los do impacto com a realidade, os introduzem nela, aos poucos, convidando-os a arriscar diante das dificuldades e oferecendo – em primeiro lugar, com a sua maneira de viver – uma sugestão, uma hipótese, uma iniciativa a tomar. O jovem vê pessoas que diante das dificuldades não se rendem.

Isto, hoje, é absolutamente imprescindível: testemunhar aos jovens – que, muitas vezes, sendo jovens, podem assustar-se – uma possibilidade de relação positiva com problemas, circunstâncias e contradições, mostrando, como adultos, que é possível olhar para o futuro com uma esperança fundamentada, não dominados pelo medo, não determinados pelas dificuldades que existem sempre. Comunicar isto – estou pensar nos professores – é fundamental também para aprofundar os conhecimentos. Para devolver aos jovens o entusiasmo necessário para conhecerem, de facto é preciso comunicar, através da maneira como se dá as aulas, a esperança da qual se vive, uma confiança, que lhes permitirá lançar mão de todos os recursos de que dispõem, com uma criatividade que nos surpreenderá também a nós. Quanto mais tu provocares um jovem para tomar posição e estimares as suas possibilidades, mais o seu valor aparecerá, para espanto nosso e dele. Muitas vezes, ouvindo-os falar, digo a mim mesmo: «Se estes rapazes se dessem conta da grandeza daquilo que dizem, seria uma maravilha para eles!» Às vezes nem se dão conta, e a nossa capacidade educacional reside em torná-los conscientes de tudo o que está contido na sua experiência, de tudo o que dizem, de modo que consigam descobrir os pontos de apoio que sustentam o caminho da vida, que permitem não se renderem, que possibilitam um olhar para o futuro cheio de esperança. Este é o caminho educativo.

Scholz. E quem sabe alguns jovens até nos poderiam educar a nós com essa imediatez.

Carrón. Absolutamente! Eu aprendo imenso com eles. Muitas vezes ultrapassam-nos pela direita e pela esquerda com característica ausência de filtros na relação com a realidade. Às vezes – como eu referia – nem se dão conta do alcance daquilo que dizem, e eu fico a repetir durante anos o que ouvi e aprendi com eles, enquanto eles talvez já se tenham até esquecido. O problema é que, para poder conservar uma coisa na memória, para guardar no coração o que acontece, é preciso dar-se conta do significado que tem para a vida.

Scholz. Historicamente, principalmente na modernidade, o cristianismo foi muitas vezes acusado de desviar a atenção da vida terrena, dos problemas reais, e de consolar as pessoas com o além. Isto impediria a dedicação na busca por uma maior justiça social, impediria plasmar o mundo para torná-lo uma morada melhor para o ser humano. O cristianismo, em suma, como dizia Marx seria «o ópio do povo», que nos distrai do compromisso com a realidade. Hoje, certamente, esta acusação já não está tão presente, mas – pergunto – não existe o risco de que uma pessoa viva a esperança cristã nivelada por baixo, ou seja, que se retire, que crie para si um mundo reconciliado – talvez com um nível de vida pior do que antes, mas substancialmente fechando-se dentro de um círculo onde fica mais ou menos bem –, ao passo que a esperança que você descreveu é uma esperança que leva ao empenho, ao risco, a criar, a plasmar a realidade? Onde está a diferença entre estes dois tipos de esperança?

Carrón. No tipo de cristianismo que uma pessoa vive! Há um cristianismo que não é capaz de despertar o homem que encontra, e então remete-o para o além porque tem medo do aquém. E há um cristianismo que desperta todo o humano, toda a capacidade de um homem, toda a sua energia, toda a sua criatividade, toda a sua inteligência, toda a sua liberdade, de modo que o homem tem o desejo de pôr a mão na massa. Muito diferente de fugir para o além! Um cristianismo que nos distrai da realidade é o contrário do cristianismo autêntico.

A questão é que muitas vezes podemos correr o risco de viver a fé segundo uma modalidade que não é aquela que Jesus introduziu na história. No início, todos se admiravam não com alguém que recuava, mas com alguém que se posicionava de forma diferente em relação a tudo. Tanto é verdade que diziam: «Nunca ninguém falou como este homem, nunca ninguém agiu como este homem, nunca vimos alguém igual a Ele!» Ele não pensava no além como que esperando que tudo acabasse; estava tão comprometido em qualquer encontro que fazia, em qualquer situação em que se encontrava, em qualquer circunstância que O provocasse, e era tão correspondente ao coração a forma como olhava e tratava pessoas e coisas, que todos ficavam admirados: «Jamais vimos coisa igual!» (Mc 2,12). Isto é o cristianismo quando é cristianismo; e se não for isto não é cristianismo, não é o cristianismo que o Evangelho nos legou. «Quem me segue receberá o cêntuplo nesta vida» (Cf. Mt 19,29), dizia Jesus, ou seja, quem o segue começa a experimentar nesta vida – nesta vida! – o cêntuplo de tudo: uma capacidade de criatividade, de energia, uma capacidade de amar, uma capacidade de entrega de si, uma capacidade de andar no meio das dificuldades, de retomar após qualquer derrota, que normalmente é impossível. O humano, cem vezes mais!

Não sei que tipo de cristãos encontraram aqueles que fizeram uma acusação destas ao cristianismo. Mas é uma responsabilidade que nós também temos, porque, se não testemunhamos que o cristianismo não é uma superestrutura que se justapõe à vida do homem do exterior, mas um acontecimento que salva e realiza o homem na sua estrutura elementar – ou seja, na sua espera, na sua sede de significado e de realização –, será difícil que hoje o cristianismo ainda interesse a alguém. Já um cristianismo que é capaz de despertar todo o humano, de tornar cada vez mais atraente o pôr a mão na massa, pelo qual a pessoa não vê a hora de envolver-se – porque a vida é bela quando nos consumimos pelo bem dos outros, pelo bem de tudo –, isso sim, interessa! Só a presença de pessoas que revelam uma tal intensidade de vida é que torna evidente o contributo que o cristianismo pode dar ao homem de hoje. A nossa esperança é uma certeza que nos permite olhar para o futuro sem fugirmos para o além: a presença de Cristo permite-nos enfrentar qualquer futuro, desafiador ou não, com uma certeza nos olhos. É precisamente por aquilo que vemos acontecer no presente que podemos esperar também no além.

Scholz. Retomemos uma vez mais, no fim, a pergunta inicial: de onde nasce a experiência da esperança? É uma coisa que nós temos de fazer ou é um dom que recebemos?

Carrón. É um dom que recebemos. Como dizia Montale, «um imprevisto [um dom] / é a única esperança». Mas é um dom que só podemos receber ao nos cruzarmos com alguém, não cai do céu. É um dom que uma pessoa pode ver, como o viram João e André, que o receberam ao encontrar um homem; ou o Mikel Azurmendi, que o identificou ao ouvir na rádio um jornalista que falava de maneira diferente; ou um estudante, que pode ser investido por esse dom ao ver um professor que se envolve com ele de determinada maneira; ou uma pessoa doente, que o descobre ao ver um médico que tem com ela uma ligação diferente. Apenas presenças em que se vê “algo diferente”, que aconteceu na vida delas e que as gerou, são – haja o que houver – fator de esperança para nós; mas apenas se estivermos disponíveis para nos deixarmos impressionar e atrair por elas, pelo que nelas corresponde ao nosso desejo de realização. Nós fomos feitos para essa realização, não para reduzir a nossa fome e a nossa sede de plenitude.

Quem, através do encontro com uma determinada realidade humana, encontrou Aquilo que constantemente o desperta e, porque precisa disso para viver, procura a convivência com certas presenças que o põem nos eixos, está verdadeiramente em caminho: é um homem que caminha – como eu dizia antes – ereto, reto,

atravessando qualquer circunstância.

Scholz. Julgo que esta noite foi um presente que reforçou, intensificou a nossa esperança num momento altamente dramático que, sem esta esperança, poderia correr o risco de tornar-se trágico. Vivido com a esperança que o padre Julián Carrón nos testemunhou, pode tornar-se um momento fecundo, criativo, que nos permite aproveitar a oportunidade que esta mudança de época, tão acelerada pela pandemia, representa. Se o olharmos com «o brilho nos olhos», como diz o título do seu último livro, recém-publicado, este momento revela-se como uma insuspeita possibilidade. Muito obrigado, padre Carrón!

Carrón. Obrigado!!

(anotações revistas pelos autores)